

Missão já sente os cortes

Ao desembarcar ontem em Brasília a missão do FMI (Fundo Monetário Internacional) já pôde sentir, na própria carne, o preço da austeridade da equipe econômica no controle das contas públicas: no aeroporto não tinha nenhum carro oficial esperando os quatro técnicos designados para investigar as contas brasileiras. A saída foi pegar dois táxis que, por uma tarifa de Cr\$ 750,00, cada, deixaram a missão no Hotel Nacional, localizado no coração de Brasília e onde eles sempre se hospedam para gozar de diárias reduzidas em quase 50%. A missão do FMI é composta por Eric Elifton, Alan Ize, Jorge Guzman e Idelfonso Guajardo.

Depois de instalados em apartamentos de luxo individuais e de um rápido descanso, os técnicos recorreram novamente aos táxis. Desta vez para levá-los ao Banco Central onde eles sempre chegaram, nas outras vezes que vieram examinar a saúde da economia brasileira, em carros oficiais do próprio banco cedidos, com motoristas, a disposição das missões. Segundo a versão dos técnicos do

Banco Central, a primeira reunião de ontem foi de apresentação, porque dois dos quatro técnicos integrantes da primeira missão do Fundo que vem ao Brasil desde o início do novo governo nunca estiveram no País. Isso talvez justifique o fato de os técnicos terem sido recebidos pelo diretor-adjunto do Departamento Econômico do BC, Hélio Gomes Rebello, enquanto o chefe do Departamento, Sílvio Rodrigues Alves, participava de uma outra reunião no Ministério da Economia.

As diferenças de tratamento dispensado pelo governo brasileiro às outras missões do FMI e atual, no primeiro dia de trabalho, não ficaram só nisso. Os cortes do Banco Central incluíram o cafezinho e para servir aos técnicos o chefe-adjunto do Departamento Econômico teve que recorrer aos "café dos funcionários" do décimo andar do Banco. Desde a suspensão do cafezinho os funcionários resolveram se cotizar para comprar café e açúcar e ontem, apesar de muitas reclamações, tiveram que ceder cinco xícaras ao Fundo.